

# O PRIMO BASÍLIO: POR UMA HERMENÊUTICA DO AMOR

ÂNGELA COGO FRONCKOWIAK\*  
CECLIP/CPGL/PUCRS

Por ocasião da publicação do romance *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, Machado de Assis escreveu, em uma crítica datada de abril de 1878, que se Eça pretendia dar com sua obra "algum ensinamento ou demonstrar com ele alguma tese, força é confessar que o não conseguiu, a menos de supor que a tese ou ensinamento seja isto: a boa escolha dos fâmulos é uma condição de paz no adultério".<sup>1</sup>

O autor brasileiro queria encontrar mais que sensações físicas nos caracteres e atitudes apresentados na obra, queria que Eça tivesse produzido ao menos uma personagem que fosse "pessoa moral". Em função disso, Machado ironizava a situação de dependência e chantagem imposta à Luísa, personagem principal do romance, pela criada Juliana, que impossibilitava àquela o esquecimento do adultério cometido. Do realismo de nuance claramente naturalista de Eça, com o qual não concordava, Machado de Assis exigia uma vinculação social baseada, fundamentalmente, na constituição moral das personagens e não na complexificação da ação através da fidelidade exacerbada a detalhes e minúcias. "Porque a nova poética é isto, e só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha".<sup>2</sup>

Machado alertava também para as semelhanças entre o romance de Eça de Queiroz e *Eugênia Grandet*, de Honoré de Balzac. E elas realmente existem. Em ambos acontece a dissolução de namoros entre primos em função das falências dos pais. Carlos, em *Eugênia Grandet*, e Basílio de Brito, em *O primo Basílio*, são obrigados a tentar fortuna em outros continentes: o Brasil, no caso de Basílio, e a Índia, no caso de Carlos, porque seus pais liquidaram as fortunas. Do mesmo modo, nos dois romances, foi dada grande relevância às figuras das criadas, personagens essenciais para

\* Mestranda em Teoria da Literatura do Curso de Pós-Graduação em Letras e pesquisadora do Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa, da PUCRS.

<sup>1</sup> A citação pertence à crítica intitulada *O primo Basílio* e consta no livro MACHADO DE ASSIS, Joaquim M. *Obras completas de Machado de Assis: Dom Casmurro; críticas literárias; críticas teatrais.* (org. Caio Ponte) São Paulo: Formar, s.d. p. 159.

<sup>2</sup> MACHADO DE ASSIS. *Ibidem*, p. 159.

a arquitetura das ações. Elas possuem a mesma preocupação existencial, garantir a velhice, e reagem de acordo com a possibilidade ou não de concretizar esse sonho. A grande Nanon, de aspecto repelente desde a mocidade, serviçal da família Grandet, vai trabalhar sem descanso como forma de reconhecimento pelo fato de que seu patrão, ao empregá-la, tenha lhe possibilitado acolhida, um mísero salário, mas, fundamentalmente, segurança.

Embora tivesse um ordenado de 60 libras apenas, passava por uma das empregadas mais ricas de Saumur. Aquelas 60 libras, acumuladas ao longo de 35 anos, haviam-lhe permitido recentemente colocar 4000 libras a render juros com Mestre Cruchot. Esse resultado das longas e persistentes economias da grande Nanon pareceu gigantesco. Cada empregada, vendo que a pobre sexagária garantiria o pão da velhice, tinha-lhe ciúmes, sem pensar na dura servidão pela qual o ganhara.<sup>3</sup>

Em contrapartida, Juliana, a empregada de Luísa e Jorge,

Servia havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de amos, mas não mudava de sorte. Vinte anos a dormir em cacifros, a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir os trapos velhos, a sofrer os repelões das crianças e as más palavras das senhoras. Nunca se acostumara a servir (...) mas, apesar de economias mesquinhas e de cálculos sôfregos, o mais que conseguira juntar foram sete moedas ao fim de anos: tinha então adoecido (...) e o dinheiro derreteria-se! No dia em que se trocou a última libra, chorou horas com a cabeça debaixo da roupa.<sup>4</sup>

Percebemos, então, que não é infundada a perspectiva de Machado.

A intenção deste ensaio, contudo, é o de pensar a obra *O primo Basílio* investigando os sentidos que obtiveram na mesma as construções dos sentimentos de amor e paixão. Para tanto, acredito dever retomá-la da e na perspectiva das personagens, mais precisamente da personagem principal, sob a qual se constrói todo o enredo. Assim, a alusão à crítica de Machado foi determinada por um objetivo específico, já que, ao exigir do escritor português personagens morais, dotadas de vontade, caráter e consciência, Machado de Assis introduziu a questão do sujeito psicológico, e sua constituição é o nexos segundo o qual se pode articular, de maneira verossímil, personagem, pessoa e sentimentos.

Quando analisamos o estatuto da personagem principal em *O primo Basílio*, percebemos que Luísa, no desenrolar da trama, é descrita pelo narrador como uma mulher que age por instinto. Vítima de sensações e humores no mais das vezes inconsistentes, Luísa se constrói aos nossos olhos como "um caráter negativo e, no meio da ação ideada pelo autor, é

antes um títere do que uma pessoa moral (...) não quero dizer que não tenha nervos e músculos; não tem mesmo outra coisa; não lhe peçam paixões nem remorsos; menos ainda consciência".<sup>5</sup> Tal caráter podemos perceber no trecho selecionado, no qual Luísa, após ter saído à noite em companhia da criada para passear em frente ao hotel, onde estava hospedado o primo e amante Basílio, recebe um galanteio de um homem e retorna à casa arrependida, ao mesmo tempo em que, na manhã do outro dia, guarda uma lembrança vaga desse arrependimento.

Chegaram à casa a arquejar. Luísa tinha vontade de chorar; deixou-se cair na causeuse, esfalfada, infeliz. Que imprudência, pôr-se a passear pelas ruas de noite, com uma criada! Estava doída, desconhecia-se. Que dia aquele! E recordava-se desde pela manhã: o lanche, o champanhe bebido pelos beijos de Basílio, os seus delírios libertinos. Que vergonha! E ir a casa de Leopoldina, de noite e ser tomada na rua por uma mulher do Bairro Alto!...

De repente lembrou-lhe Jorge no Alentejo trabalhando por ela, pensando nela... Escondeu o rosto entre as mãos, detestou-se, os seus olhos humedeceram-se.

Mas na manhã seguinte acordou muito alegre. Sentia, sim, uma vaga vergonha de todas as suas "tolices" da véspera e como a sensação indefinida, palpíte ou pressentimento de que não deveria ir ao "Paraíso". O seu desejo, porém, que a impelia para lá vivamente, forneceu-lhe logo razões: era desapontar Basílio, a não ir hoje não devia voltar, e então romper... Além disso, a manhã muito linda atraía para a rua: chovera de noite, o calor cedera; havia nos tons da luz e do azul uma frescura lavada e doce.<sup>6</sup>

No trecho acima transcrito, o narrador nos mostra uma personagem que oscila entre a culpa arrependida e o desejo de entregar-se inteiramente à ligação extraconjugal com o primo. Tal oscilação pode ter uma matriz verossímil, afinal a ambivalência é uma característica possível no mundo real. No entanto, até mesmo a superficialidade dos seres humanos apresenta justificativas, razões e pode ser derivada de paixões e desejos, muitas vezes inconscientes, mas que vêm à tona em uma observação acurada. Luísa, porém, não nos deixa descortinar esta rede de motivos que complexificaríamos e tornariam relevantes suas ações no drama. Luísa sofre e goza com a mesma insuficiência e gratuidade.

As posições adotadas por Machado de Assis no momento da crítica são pertinentes na medida em que, ao menos na literatura de cunho realista, a vinculação entre os caracteres de personagens e pessoas – que remonta a Aristóteles – torna impossível conceber sentimentos de personagens descolados de sentimentos humanos. Entretanto, a constituição da consciência moral exigida pelo crítico no final do século XIX remete para a existência

<sup>3</sup> BALZAC, Honoré. *Eugénia Grandet*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1971, p. 33.

<sup>4</sup> QUEIROZ, Eça. *O primo Basílio*. São Paulo: Editora América do Sul, 1988, p. 31, v. I.

<sup>5</sup> MACHADO DE ASSIS, *op. cit.*, p. 160.

<sup>6</sup> QUEIROZ, Eça, *op. cit.*, p. 10, v. II.

de um sujeito psicológico diverso do que concebemos hoje, na quase virada do século XX. Paul Ricoeur, no ensaio *Hermenêutica e Psicanálise*, ao estudar os problemas que a psicanálise impôs às investigações filosóficas, declarou:

Nasceu um problema novo: o da mentira da consciência, da consciência como mentira. Esse problema não pode permanecer um problema particular entre outros; pois o que está posto em questão, de modo geral e radical, é o que nos aparece (...) como a origem mesma de toda significação, ou seja, a consciência. É necessário que, aquilo que é fundamento em um sentido, nos apareça como preconceito em outro sentido: o preconceito da consciência.

É nesse humor de suspeita concernindo à pretensão da consciência de saber-se a si mesma no início, que um filósofo pode estar presente entre psiquiatras e psicanalistas.<sup>7</sup>

Escusado seria discutir a relevância dessas colocações, pois que já foram incorporadas aos pressupostos básicos de grande parte das investigações humanísticas da ciência moderna. Contudo, vale reafirmar que Freud, questionando o consciente e demonstrando que esse podia ser falso e encobridor do inconsciente, alterou irremediavelmente a pretensão do sujeito de saber-se a si mesmo enquanto consciência.

A discussão sobre os sentidos do amor e da paixão, representados no romance de Eça, adquire um interesse singular se aceitarmos, por um lado, a exigência imposta por Machado de Assis para a organicidade da obra – vínculo entre pessoa e personagem e as implicações daí decorrentes – e, por outro, o advento incontestável do inconsciente enquanto o outro da consciência. Pois, se há uma certeza imediata da consciência, "essa certeza é duvidosa enquanto verdade (...) a vida intencional, tomada em toda a sua espessura, pode ter outros sentidos que este sentido imediato. A mais longínqua, a mais geral e a mais abstrata possibilidade do inconsciente, precisamos confessar, está inscrita nesta distância inicial entre a certeza e o saber verdadeiro da consciência. Este saber não é dado. Precisa ser procurado e encontrado".<sup>8</sup>

Na tentativa de articular as demandas impostas pela crítica de Machado; pelas investigações acerca da questão do sujeito psicológico; e o recorte de análise proposto, lanço mão dos questionamentos que essa linha de raciocínio engendrou. Primeiramente, de que modo analisar os sentidos do amor e da paixão num romance em que os sentimentos escapam à personalidade das personagens e prendem-se essencialmente à desenvoltura minuciosa da trama? Em outros termos, e retomando Machado, como per-

<sup>7</sup> RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e Psicanálise*. In: ———. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978. p. 87.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 89.

ceber os significados que adquirem os sentimentos amorosos em personagens que não se dão a conhecer, que não estruturam uma figura moral? Em segundo lugar, seguindo ainda as indicações da crítica do autor brasileiro, qual a possibilidade de analisar intertextualmente Luísa, a partir da personagem Eugênia Grandet? E, como último ponto, em que medida a investigação, tendo como parâmetro o inconsciente, pode afigurar uma perspectiva de elucidação dos sentidos do amor e da paixão no romance?

Com relação ao primeiro problema levantado e tomando como base a personagem Luísa, da qual já possuímos alguns dados significativos, percebemos que o narrador de *O primo Basílio* adverbializa as ações de Luísa exagerando no uso de expressões tais como "inconscientemente", "sem pensar", "instintivamente" e outras de mesma nuance modalizadora. Esse recurso quer deixar entrever uma ambivalência de sentimentos na constituição psíquica de Luísa. Entretanto, como já foi referido anteriormente, Luísa, por si só, não é capaz de confirmar essa ambivalência em suas próprias atitudes, justificando-as através de uma completude existencial. No trecho em que Luísa recebe a visita de Leopoldina, amiga de infância envolvida em vários escândalos de adultério, com a qual Jorge, o marido de Luísa, já havia proibido relações e contatos, isso se faz perceber nitidamente:

Leopoldina deu logo detalhes. Era muito indiscreta, falava muito de si (...) da sua alcova, das suas contas. Nunca tivera segredos para Luísa; (...) descrevia-lhe os seus amantes (...) Luísa costumava escutar toda interessada, as maçãs do rosto um pouco envergonhadas, pasmada, saboreando, com um arzinho beato. Achava tão curioso!

Às vezes, na sua consciência, achava Leopoldina "indecente"; mas tinha um fraco por ela: sempre admirara muito a beleza do seu corpo, que quase lhe inspirava uma atração física. Depois desculpava-a: era tão infeliz com o marido! Ia atrás da paixão, coitada! E aquela grande palavra, fãscante e misteriosa, donde a felicidade escorre como a água de uma taça muito cheia, satisfazia Luísa como uma justificação suficiente: quase lhe parecia uma heroína; e olhava-a com espanto como se consideram os que chegam de alguma viagem maravilhosa e difícil, de episódios excitantes".<sup>9</sup>

Pelo que é dado a conhecer da personagem, através das qualificações propositadamente antagônicas, estamos diante de um ser desprovido de conflitos, e não de um ser ambivalente. Luísa acaba traindo o marido com a mesma sensaboria com que ouve Leopoldina: **interessada, envergonhada, pasmada, saboreando e com ar beato**. Ou seja, um rosário de justificações são necessárias para que as ações se tornem picantes e envolvam os

<sup>9</sup> QUEIROZ, Eça. *op. cit.*, p. 9, vol. I (Os grifos são de minha responsabilidade).

leitores, mas essas ações não nos conformam Luísa, porque ela inexistente enquanto pessoa.

Outras personagens e outros acontecimentos poderiam ser elencados para defender a hipótese tomada de Machado; entretanto, acreditamos que a repetição só tornaria enfadonha a análise e retardaria o desenvolvimento da segunda questão proposta. Resumindo o primeiro ponto, acreditamos que os sentimentos de afeto e amor em *O primo Basílio*, se analisados segundo o que é dado a conhecer da personagem principal na sua aproximação realista com pessoa, reduziria a compreensão do tema. A ausência de conflitos interiores e a gratuidade das ações diluem uma possível caracterização mais pertinente da mesma.

Na segunda reflexão proposta, queremos investigar se há uma ligação possível entre a constituição da personagem Luísa e a personagem Eugênia, de *Eugênia Grandet*, já que, como vimos, algumas semelhanças entre os romances podem ser apontadas. Nesse sentido, é importante salientar que o próprio Machado havia eliminado tal possibilidade. Num tempo em que não havia discussões acerca de intertextualidade, Machado usou o termo plágio para designar o fenômeno percebido:

(...) o autor, devo dizer, desde já, que de nenhum modo plagiou os personagens de Balzac. A Eugênia deste, a provinciana singela e boa, cujo corpo, aliás robusto, encerra uma alma apaixonada e sublime, nada tem com a Luísa do Sr. Eça de Queiroz. Na Eugênia, há uma personalidade acentuada, uma figura moral, que por isso mesmo nos interessa e prende (...).<sup>10</sup>

Mas, então, porque apontar semelhanças entre os romances? Evidentemente elas existem, assim como existem também algumas características singulares a aproximar Luísa e Eugênia. Porém, essas semelhanças centram-se sobre o que Machado chamou de "fio da concepção" e não passam disso. A fábula<sup>11</sup> se assemelha, de tal forma que o próprio Eça faz constar a aproximação no decorrer do romance. Em determinado ponto, durante um diálogo entre Sebastião, amigo de infância do marido de Luísa (Jorge), e Julião Zusarte, um parente afastado do mesmo, surgem as seguintes linhas:

– Tu sabes que ele foi namoro de Luísa? – disse Sebastião baixo, como assustado da gravidade da confidência.

E respondendo logo ao olhar surpreendido de Julião:

– Sim. Ninguém o sabe. Nem Jorge. Eu soube-o há pouco, há meses. Foi. Estiveram para casar. Depois o pai faliu, ele foi para o Brasil, e de lá escreveu a romper o casamento.

Julião sorriu, e encostando a cabeça à parede:

<sup>10</sup> MACHADO DE ASSIS, *op. cit.*, p. 159.

<sup>11</sup> No sentido em que os formalistas russos utilizaram o termo, mais precisamente como consta no ensaio *Temática*, de Tomachevski.

– Mas isso é o enredo da *Eugênia Grandet*, Sebastião! Es-tás-me a contar o romance de Balzac! Isso é a *Eugênia Grandet*!<sup>12</sup>

Por mais inverossímil que Eugênia possa parecer aos nossos olhos de leitores do século XX, por mais estranhos e paradoxais que soem seus desejos, anseios e padrões de conduta, ainda assim são desejos, anseios e padrões de conduta. Eugênia é Eugênia, constitui-se, forja-se e surge complexa através dos meandros de sua subjetividade. É impossível tentar resgatar Luísa a partir de Eugênia. Já vimos que aquela, dentro do perfil apresentado no romance, não constitui um caráter, ou melhor, institui-se como um "caráter negativo". Dessa maneira, apontar as semelhanças entre os dois romances só é pertinente à medida em que, com elas, se desvela a proximidade do tema, proximidade essa que não lança bases sólidas para empreender a análise do íntimo da personagem principal de *O primo Basílio*.

Em termos de intertexto, embora não seja essa a discussão principal desse ensaio, convém apontar que a obra *O primo Basílio* mantém uma vinculação explícita com a fábula de *Eugênia Grandet*, mas a grande relação dialógica que é possível recuperar no romance vem do tom picante, muito em voga na escola a que se vinculou Eça de Queiroz, tomado de empréstimo à *Madame Bovary*.

Quanto ao último ponto, ou seja, se a noção da existência do inconsciente pode ofertar uma chave para a elucidação dos sentimentos envolvidos na obra, retomo Ricoeur e o conceito de inconsciente desenvolvido por Sigmund Freud. Freud delimitou o objeto de estudo da psicanálise como sendo o inconsciente cognoscível, aquele que aflora à consciência através de seus representantes representativos. Não temos acesso ao inconsciente enquanto pulsão. Do "inconsciente bruto" só conhecemos aquilo que é representado, o que adquire a forma necessária para ser objeto de conhecimento, os rebentos que afloram à consciência através do sonho, do delírio, da neurose, da fantasia e que são dotados de sentido e significação no trabalho analítico.

Segundo Ricoeur, o inconsciente, objeto da psicanálise, possui três relatividades. A primeira delas é a relatividade que envolve o sistema de decifração ou de decodificação. Mas essa relatividade não significa que o inconsciente apareça como projeção do hermeneuta, num sentido vulgarmente psicologista.

Devo-se, antes, dizer que a realidade do inconsciente é constituída na e pela hermenêutica, num sentido epistemológico e transcendental. É nesse movimento mesmo de regresso do rebento à sua origem inconsciente, que o conceito de Ics se constitui e se constitui precisamente em sua realidade empírica. Portanto, não é uma relatividade à consciência que é aqui afirmada, uma relati-

<sup>12</sup> QUEIROZ, Eça. *op. cit.*, p. 55, v. 1.

dade subjetiva, mas a realidade puramente epistemológica do objeto psíquico descoberto à constelação hermenêutica formada conjuntamente pelo sintoma, pelo método analítico e pelos modelos interpretativos.<sup>13</sup>

A segunda relatividade é a relatividade intersubjetiva, aquela que se refere ao papel da consciência do analista. Esse papel não é essencial, mas accidental; entretanto, é nesse diálogo que o inconsciente é apresentado por um outro que faz com que o "eu" retome as significações para si e sobre si mesmo que esse outro elaborou. A terceira relatividade já não diz mais respeito à constituição epistemológica do objeto – inconsciente – mas é a relatividade à própria pessoa do analista. Essa relatividade liga-se às circunstâncias particulares de cada trabalho analítico e às marcas da linguagem.

Ricoeur advoga que a análise psicanalítica só é possível a partir de um trabalho, de uma práxis, que envolva a arte de interpretar e a teoria especulativa. "O manejo analítico, com efeito, é um trabalho ao qual corresponde, no analisado, outro trabalho, o trabalho da tomada de consciência. Por sua vez, essas duas formas do trabalho, o da análise e o do analisado, revelam todo o psiquismo como um trabalho".<sup>14</sup>

Levando-se em consideração, como vimos, que o inconsciente-se situa relativamente à hermenêutica como método e como diálogo, o inconsciente de Luísa não nos é dado a conhecer de forma que pudéssemos estabelecer com ele uma "arqueologia" desse sujeito. O trabalho de interpretação esbarraria na ausência de informações sobre a personagem que, se dadas, poderiam ser tomadas como o trabalho do analisado, dotando de sentido às conclusões. Em contrapartida, mesmo que tivéssemos acesso aos rebentos desse inconsciente, não poderíamos acessar através deles qualquer significado, já que as chaves de leitura da "personalidade" de Luísa não são dadas por Luísa, mas sim pelo narrador. Luísa não pensa, ela age, e as atitudes por ela desenvolvidas são interpretadas à luz da consciência do narrador.

Segundo nosso ponto de vista, os sentidos do amor e da paixão em *O primo Basílio* podem ser resgatados numa hermenêutica do narrador. Esse, através de seus juízos, frases veladas, daquilo que conta e do que se preocupa em ocultar; em suma, dos rebentos que traz à consciência sobre forma de discurso, se dá a conhecer como uma personagem plenamente constituída. Às exigências da crítica de Machado, cabíveis por uma questão circunstancial (por exemplo a escola a que aderiu e o contexto em que viveu) podemos contrapor a possibilidade de análise do maior personagem do romance: o narrador.

<sup>13</sup> RICOEUR, Paul. *op. cit.*, p. 92. (Os grifos são meus).

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 152.

Seguindo esse viés de análise, muitas passagens do romance de Eça nos elucidam os significados que adquirem os sentimentos íntimos de afeto e paixão na composição da obra. E mais, nos demonstram a posição que o narrador propositadamente toma frente a eles. Há uma superioridade do narrador em relação a tudo que diz respeito à configuração do sentimento nas personagens. Tal superioridade não é difícil de ser apontada. Nas duas passagens que analisaremos em seguida ela fica evidente.

No início do romance, Leopoldina (a amiga difamada já referida) vai visitar Luísa e mostra-lhe alguns versos que acabara de receber de um poeta, seu novo amante. Ambas deixam-se ficar na leitura do mesmo, ao que se segue o comentário do narrador:

Era uma composição delambida, de um sentimentalismo reles, com um ar tísico, muito lisboeta, cheia de versos errados.

— Que bonito, hem!

Ficaram caladas com uma comoçãozinha.<sup>15</sup>

Em outra passagem, na qual Leopoldina toca ao piano um novo fado português, o narrador nos mostra, novamente, a constituição de seus sentimentos íntimos:

(...) a história rimada de um amor infeliz. Falava-se nas "raias do crime, nas rochas de Cascais, nas noites de luar, nos suspiros da saudade", todo o palavreado mórbido do sentimentalismo lisboeta. Leopoldina dava tons dolentes à voz, revirava um olhar expirante (...)

— Lindo! — suspirava Luísa.<sup>16</sup>

Não é preciso muita perspicácia para perceber que, se os versos do poeta e do fado português são de um sentimentalismo reles (juízo do narrador) e elas ficam comovidas, isso significa que o mesmo se encontra numa posição diferenciada das personagens, acima desse "sentimentalismo lisboeta" que tanto as emociona. É notória a superioridade, para não dizer o autoritarismo desse narrador. Mas não podemos perder de vista nosso intento, o de averiguar o caráter que assumem o amor e a paixão para tal narrador.

As relações amorosas são, em geral, referidas por ele como ilícitas ou pecaminosas. Todas as personagens possuem ou possuíram amantes, ou vivem concubinatos não assumidos. Assim acontece com o Conselheiro Acácio, amancebado com a criada num terceiro andar da rua do Ferregial; com a vizinha Gertrudes, criada e concubina do professor de Matemática; com o primo de Jorge, Ernestino, escritor de teatro e que vive com

<sup>15</sup> QUEIROZ, Eça. *op. cit.*, p. 11, v. I.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 68, v. I.

uma "atrizita" de ar físico; com a cozinheira de Luísa, que, quando se vê sozinha em casa, corre a colocar na janela um tapete velho que é o sinal esperado por seu amante, Pedro, para procurá-la. Nem Jorge escapa ao perfil insistentemente referido, já que no Alentejo, durante sua viagem a trabalho, envolve-se em casos de amor com a mulher do estaqueiro e do delegado.

Certamente há muita denúncia social nessas referências, mas subjaz ao texto de Eça uma noção de amor que exclui qualquer possibilidade de realização desse sentimento e da manutenção de um padrão moral. Outro aspecto peculiar é a referência ao amor velho, principalmente o amor das mulheres velhas, sempre assinalado com um tom de nítido desprezo. O desejo que D. Felicidade alimenta pelo Conselheiro Acácio é ridículo, histórico e desbaratado; existe, é descrito, mas os comentários do narrador se encarregam de tirar dele qualquer dignidade.

Havia cinco anos que D. Felicidade o amava.

Havia sobretudo nele uma beleza, cuja contemplação demorada a estonteava como um vinho forte: era a calva. Sempre tivera o gosto perverso de certas mulheres pela calva dos homens, e aquele apetite insatisfeito inflamara-se com a idade.

E a boa, a pobre D. Felicidade, tinha agora pesadelos lascivos e as melancolias do histerismo velho!<sup>17</sup>

E mais adiante:

D. Felicidade quis então saber as horas. Começava a enfasiar-se. Tinha esperado encontrar o Conselheiro: por ele, para lhe parecer bem, fizera o sacrifício de se apertar; Acácio não vinha, os gases começavam a afrontá-la; e o despeito daquela ausência aumentava-lhe a tortura da digestão. Na sua cadeira, com o corpo mole (...)<sup>18</sup>

Em igual medida, esse narrador vai fazer questão de indicar a existência do homossexualismo feminino infantil através da personagem Leopoldina. Mas não como algo relevante na constituição dessa, e sim como um mero capricho. A personagem iniciou-se sexualmente através de seus "sentimentos" e eles são insubstituíveis e lhe arrancam suspiros até sua idade adulta. São diálogos gratuitos, de uma futilidade pueril, mas elevados à categoria de graves confissões devido à ênfase picante dos comentários do narrador, nosso sujeito psicológico, muito empenhado em pintar a cena com tintas de erotismo.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 14-15, v. I.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 38, v. I.

Puseram-se a falar dos "sentimentos". Leopoldina tivera quatro; a mais bonita era a Joaninha, a Freitas. Que olhos! E que bem feita! Tinha-lhe feito a corte um mês!...

– Tolices! – disse Luísa corando um pouco.

– Tolices! Por quê?

Ai!, era sempre com saudades que falava dos "sentimentos". Tinham sido as primeiras sensações, as mais intensas. Que agonia de ciúmes! Que delírio de reconciliações! E os beijos furtados! E os olhares! E os bilhetinhos, e todas as palpitações do coração, as primeiras da vida!

– Nunca – exclamou –, nunca, depois de mulher, senti por um homem o que senti pela Joaninha!...Pois podes crer...<sup>19</sup>

Um último aspecto demonstra a incongruência da personagem principal frente aos apelos que lhe são impostos pelo narrador. Fazemos referência ao modo como Luísa reage ao adultério cometido, no retorno do esposo, e o final trágico que lhe está destinado em função do mesmo motivo. Luísa que, nas interpretações do narrador, "se fazia escarlate", "ruborizava", "corava", cujo rosto se "alterava" e as faces "abrasavam-se" a todo momento, ou seja, cuja constituição parecia, no decorrer do romance, não poder esconder qualquer sentimento íntimo, demonstrando-os imediatamente no físico (mais precisamente nas faces) passa a conviver com Jorge uma vida dividida entre o trabalho doméstico diurno, imposto por Juliana em troca da manutenção do segredo, e os prazeres do quarto, onde vive uma vida verdadeira. Entretanto, essa dicotomia se dá, estranhamente, sem rubores, e até com uma certa "consciência".

De resto, ela mesma se esforçava por desenvolver aquela paixão, achando nela a compensação infável das suas humilhações. (...) Porque sempre o amara, decerto, reconhecia-o agora – mas não tanto, não tão exclusivamente! Nem ela sabia. **Envergonhava-se mesmo, sentindo vagamente naquela violência amorosa pouca dignidade conjugal: suspeitava que o que tinha era apenas um capricho.** Um capricho por seu marido! **Não lhe parecia rigorosamente casto...** Que lhe importava, de resto? Aquilo fazia-a feliz. Fosse o que fosse era delicioso!

Ao princípio, a idéia do *outro* pairava constantemente sobre esse amor (...). Mas pouco a pouco esquecera-o tanto, o *outro* – que a sua recordação, quando por acaso voltava, não dava mais amargor à nova paixão, que um torrão de sal pode dar às águas de uma torrente. **Que feliz que seria – se não fosse a infame!**<sup>20</sup>

Refugiava-se, então, no amor de Jorge como na sua única consolação. A noite trazia-lhe a sua desforra: Juliana a essa hora dormia; não via a sua cara medonha; não a receava; não tinha de a elogiar; não trabalhava por ela! **Era ela mesma**, era Luísa, como

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 69, v. I.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 44, v. II. (os grifos são meus)

dantes! Estava na sua alcova, com o seu marido, fechada por dentro, livre! Podia viver, rir, conversar, ter até apetite!<sup>21</sup>

O problema de Luísa não é, evidentemente, o fato de sentir-se culpada frente ao marido: o problema de Luísa advém da chantagem imposta por Juliana. Se Juliana não existisse, não haveria crises, não haveria infortúnio, não haveria necessidade de matar a personagem. Aqueles rubores, aqueles cometimentos espontâneos de ares pudicos, não passavam de recursos dos quais o narrador se utilizava para adicionar às cenas temperos maliciosos. O autoritarismo do narrador é de tal ordem que somos conduzidos a concluir, numa leitura menos atenta, sobre o perfil moral da personagem. O raciocínio, equivocado, seria mais ou menos esse: ela é ingênua, não tem experiência, é recatada, ficou muito tempo longe do marido, foi iludida pelo ardiloso primo e pagou seu erro com a morte. Conclusões falsas, pois que, como já vimos, não apresentam contraponto no desenho da própria personagem.

Foi na análise pormenorizada do narrador, na hermenêutica da sua "existência" que reconstituímos Luísa. Dessa forma, é o narrador que instaura um universo capaz de resgatar os sentidos do amor e da paixão no romance. E, nesse universo, o amor, a paixão, a afeição, ou qualquer outra expressão que utilizemos para designar os sentimentos íntimos, estão mergulhados num invólucro de hipocrisia e superficialidade. Não há amor, há erotismo gratuito, há pormenorizadas descrições sensuais, há uma libido que se exaspera.

Não vamos discutir aqui a relevância ou não de tal temática, principalmente considerando a escola que a produziu. Contudo, forçoso é reconhecer que singulares tempos foram esses, nos quais o desejo e a sexualidade dos homens, ao serem percebidos, precisavam ainda se transvestir nessa pseudo moralidade. Nessa hermenêutica do narrador de *O primo Basílio*, pudemos, primeiramente, reconhecer alguns danos causados à composição narrativa, mas, foi possível também, resgatar o contexto que antecedeu e possibilitou as investigações freudianas acerca do sujeito, de sua consciência, desejo e cultura. O lugar que a psicanálise ocupou e ainda ocupa no movimento da cultura contemporânea ocidental é justificado quando pensamos o avanço que proporcionou à discussão da constituição do sujeito psicológico e, mais amiúde, às manifestações literárias do mesmo.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 46, v. II. (os grifos são meus)

## OBRAS CONSULTADAS

- BALZAC, Honoré. *Eugênia Grandet*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O primo Basílio. In: ————. *Obras Completas de Machado de Assis*: Dom Casmurro; críticas literárias; críticas teatrais (org. Caio Ponte). São Paulo: Formar, s.d. (p. 159-166).
- QUEIROZ, Eça. *O primo Basílio*. São Paulo: Editora América do Sul, 1988.
- RICOEUR, Paul. Existência e hermenêutica. In: ————. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978 (p. 7-27).
- . *Hermenêutica e Psicanálise*. In: ————. ————. (p. 87-179).
- TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHENBAUM et al. *Teoria da Literatura: formata russos*, 4 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1978 (p. 169-204).